

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Centro de Estudos Internacionais sobre Governo

Especialização em Relações Internacionais:  
Geopolítica e Defesa

---

## **Ásia Oriental, Central e Meridional**

---

Notas de Aula

*Professor*  
Athos Munhoz

*Estudante*  
Lui Laskowski

2022

## 1 Introdução

Trataremos do avanço do sistema capitalista nos Estados asiáticos, buscando compreender como esses Estados ingressaram no **sistema internacional moderno**, e enfrentaram o **duplo desafio** da construção do Estado moderno e inserção internacional autônoma.

Nossa visão é brasileira e semiperiférica; buscaremos atribuir responsabilidades aos Estados envolvidos, e não apenas a processos sistêmicos.

É importante, para tal, definir nossos objetos.

- **Ásia Oriental** - A região composta ao redor da China, pelos Estados que faziam parte ou orbitava o antigo sistema tributário chinês - a Mongólia, as Coreias, o Japão (no leste/nordeste), os Estados da Indochina, Taiwan, Filipinas, Malásia, Brunei, Indonésia (sudeste).
- **Ásia Meridional** - Esta região é composta pelos Estados do Subcontinente, e suas relações são muito definidas pela relação com a Índia, grande centro regional a partir do qual surgiram os outros Estados, ou que neles influi. Inclui Índia, Paquistão, Butão, Bangladesh, Nepal e Sri Lanka.
- **Ásia Central** - Composta pelo Afeganistão e pelos Estados ex-soviéticos do Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Esta região é tradicionalmente esfera de influência russa, crucial para os fluxos de transporte, e tem grande concentração de recursos naturais, particularmente energéticos.

## 2 O avanço do capitalismo e a inclusão dessas regiões no sistema internacional moderno

O mundo pré-capitalista era um sistema de relações inter-regionais focadas principalmente no comércio, que na região se materializava pela grande Rota da Seda, tanto por terra quanto por mar. A China e a Índia eram o centro desse sistema inter-regional. A China regia uma ordem regional em torno de si por meio de relações tributárias. Nesse sistema, a Europa era uma região periférica - o feudalismo era pouco centralizado e as relações europeias eram mediadas pela Igreja.

O processo de distribuição de poderes entre regiões só se alterou quando a Europa buscou as Grandes Navegações para aumentar sua participação no comércio mundial, e no surgimento do capitalismo - um fenômeno fundamentalmente europeu.

A paz de Westphalia é um símbolo da separação entre Estado e Capital - uma desvinculação formal. Essa relação é ambígua - ao mesmo tempo que potencialmente conflituosa (separando poder político-militar do poder econômico), como diz Arrighi, é uma relação simbiótica - pois o Capital depende do Estado para expandir-se e acessar novos recursos e mercados, e o Estado depende do Capital por recursos econômicos para sustentar-se.

O surgimento do capitalismo tornou a Europa um sistema internacional em si, propenso à expansão, e a relação Estado-Capital tornou os Estados europeus propensos, em si, à expansão.

É importante entender a história não como um processo natural, mas resultante de processos de poder. Não há processos *naturais* na história humana dependente da volição e das decisões políticas.

## 2.1 O sistema internacional capitalista

O sistema internacional capitalista não é meramente um sistema econômico, e precisa ser compreendido de forma multifacetada - entre as esferas **política, econômica e militar**.

A Índia foi o primeiro foco da expansão capitalista na Ásia. A Inglaterra buscava recursos e mercados para abastecer o desenvolvimento da indústria britânica, e se tornava cada vez mais dependentes dos recursos indianos.

A Companhia das Índias Orientais buscou, inclusive, uma expansão territorial no Subcontinente, pela Batalha de Plassey. Nesse momento temos o primeiro movimento popular indiano contra o domínio britânico - a Revolta dos Cipayos.

Na Ásia Central, a disputa da Inglaterra (a partir da Índia) com a Rússia pela Ásia Central foi chamado de O Grande Jogo, incluindo diversas invasões e só sendo resolvido no século XX, estabelecendo o Afeganistão como uma *buffer zone* entre as áreas de influência inglesa e russa.

Na Ásia Oriental, ressalta-se que a Grã-Bretanha em franca expansão capitalista passou a cobiçar muito o *mercado* chinês, tendo poucos resultados em suas exigências para que a China abrisse seus mercados. Para conseguir vantagens comerciais no mercado chinês, utilizou-se o *ópio* para equilibrar a balança comercial - que até aquele momento era vantajosa para a Chinesa. Isso resultou na Guerra do Ópio (1839-42), grande marco da entrada capitalista na Ásia Oriental.

Ali os britânicos conseguiram uma grande vitória militar, demonstrando uma vantagem tecnológica e logística, conseguindo forçar os chineses a assinar diversos tratados comerciais iníquos sem contrapartidas. A abertura do mercado chinês e a cláusula da nação mais favorecida eram os elementos centrais.

A entrada de produtos industrializados na China destruiu o setor manufatureiro chinês e criou uma

imensa crise econômica e social, porque destruiu um enorme número de empregos, causando uma série de processos políticos, como a revolução Taiping e o “Autofortalecimento”, dando início a um processo de busca pelo poder de voltar a fazer frente às potências europeias. Este período é conhecido como o *Século de Humilhação*. As forças políticas nascidas nessa época levou ao fim do império chinês, mas também a uma grande fragmentação interna.

O Japão teve um processo parecido de tratados desiguais, nas mãos dos norte-americanos (e franceses e britânicos), mas com respostas diferentes. Em sua aliança com a Grã-Bretanha, o Japão venceu a Rússia, a primeira vitória de um país asiático sobre uma potência europeia. Teve uma participação importante na Primeira Guerra Mundial, com conquistas territoriais e atuação no Mediterrâneo em apoio à Grã-Bretanha.

## 2.2 Processos de modificação

Houveram dois processos que modificaram as lutas de libertação no leste asiático - a ascensão da URSS e o fim da Primeira Guerra, um processo de reorganização de forças políticas dentro da China.

Uma elite intelectual, formada no exterior, estabeleceu no Japão um modelo a se seguir na Ásia, diante da modernização muito veloz do Japão. A China buscou o Japão como uma referência; mas essa ascensão de novos grupos políticos na China não levou à conquista do poder por um grupo majoritário. Houve em seu lugar um vácuo de poder entre as velhas elites feudais e as novas elites republicanas - o que causou uma grande fragmentação política e territorial chamada de *era dos senhores da guerra*.

O Japão conseguiu não só vencer a China, como a Rússia - assim, aumentou sua influência sobre a Coreia e sobre a Manchúria, uma parte fundamental da economia chinesa por seus territórios, que passou a receber inclusive investimentos industriais japoneses.

A proclamação da URSS, não só do ponto de vista de exemplo de ideológico, mas com impactos sentidos na China pré-comunista, na rivalidade com o Japão, na Índia, onde alguns movimentos se inspiraram no soviético, e no sudeste asiático. Durante a Revolução de 1917, o Japão foi a potência externa que mais contribuiu com forças para a intervenção anti-soviética.

No entre-guerras, o Japão está em ascensão e se torna uma grande potência, participando dos tratados navais e da constituição da Liga das Nações, visto como um poder naval junto aos EUA e à Grã-Bretanha.

## 2.3 Segunda Guerra Mundial

Há uma relação entre o desenvolvimento japonês e a sua participação na Segunda Guerra Mundial. Novamente, alguns afirmam que essa participação e as atrocidades cometidas eram naturais no desenvolvimento japonês; mas isso não é dado de forma alguma. O processo que levou à radicalização do Japão começa na Crise de 1929, com o fechamento de quase todas as economias do mundo, um momento de franca ascensão da potência industrial japonesa. Esse fechamento impactou o desenvolvimento japonês - havia um debate interno sobre a resolução dos problemas da Crise, incluindo resultados conflitantes - entre uma zona de influência e a conquista direta dos Estados vizinhos.

A Crise impactou nesse debate e levou a uma radicalização da política japonesa, levando suas forças armadas a sequestrar o processo decisório japonês e levar a uma série de conquistas. O fato do Japão se tornar uma potência global acaba desviando o foco do resto da Ásia, buscando entender seu papel na região e na Segunda Guerra Mundial.

O principal objetivo japonês na Guerra não era a luta contra os americanos, mas suas operações na China - que estava em guerra civil entre nacionalistas e comunistas.

A situação chinesa era uma luta por integridade territorial, com uma mudança do programa do partido

nacionalista e surgimento do partido comunista. Estes partidos se uniram para fazer uma expedição ao Norte contra os japoneses, a partir de Guandong, que ocorreu no final da Década de 20. Esta foi uma guerra de grandes proporções, e conseguiu retomar boa parte do território chinês.

Durante esta operação houve uma cisão entre os partidos, que deu início à guerra civil. O partido nacionalista fez acordos com potências estrangeiras e passou a perseguir os comunistas, o que deu início às campanhas de cerco e aniquilamento e à *lenda longa marcha*.

Este era o cenário interno: a reconquista pelo partido nacionalista e a luta contra o partido comunista. O Japão não via com bons olhos a ascensão de um poder centralizado chinês que pudesse se opor a seus interesses na região. O Japão entrou no conflito chinês, tomando a Manchúria na década de 1930 e buscando o restante do território chinês logo em seguida.

Era uma guerra em camadas: guerra civil, guerra externa contra o Japão e guerra do Pacífico conforme envolvia potências distantes com interesses na região.

Confrontados com um adversário mais forte, o governo nacionalista e comunista - a frente unida - sofreu algumas derrotas e lançou mão da doutrina da *guerra prolongada*, uma guerra defensiva de atrito, utilizando grandes forças convencionais para fustigar os japoneses, cedendo terreno, evitando batalhas diretas e esticando as linhas japonesas de suprimento. O governo nacionalista, recuando, estabeleceu-se em Chongqing.

Esta guerra não foi uma “pequena guerrilha”. Em sua resistência, foi capaz de conter os japoneses por oito anos.

Buscando uma nova forma de avançar na China, o Japão estendeu a guerra pelo sudeste asiático, buscando novas fontes de recursos ao longo do pacífico. Isto causou aumento de tensões entre o Japão e os EUA - com a aplicação de sanções americanas contra os japoneses, que levaram ao ataque a Pearl

Harbor.

O ataque a Pearl Harbor pretendia destruir a marinha estadunidense e impedir a marinha estadunidense de entrar na guerra antes mesmo de seu início, para que o Japão pudesse focar-se na China. Isto acabou tendo o efeito oposto - inflamando os EUA a entrar na guerra. O ataque também não funcionou, considerando uma capacidade industrial americana imensa que foi capaz de produzir várias marinhas ao longo do conflito.

Depois de Midway, em 1942, os americanos começaram a avançar sobre as posses japonesas no pacífico, ao mesmo tempo em que os chineses ofereciam forte resistência. Esta guerra em duas frentes foi excessiva para a capacidade japonesa, e começou-se já a debater entre as grandes potências qual seria o cenário pós-Segunda Guerra. Nesse sentido, as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki são um capítulo da Guerra Fria - causando a rendição aos EUA, não à URSS, que ao mesmo tempo havia invadido as posses japonesas ao norte, quebrando seu acordo de não-agressão.

70% do esforço de guerra japonês estava na China. Sua expansão havia enfraquecido o domínio europeu na Ásia, o que teve efeitos duradouros - em alguns lugares houve, inclusive, apoio aos japoneses por movimentos de independência.

## 2.4 Conclusões

A expansão do capitalismo, ao chegar aos Estados asiáticos, ali produziu um desafio de construção do Estado moderno. O Japão foi bem sucedido em responder a este desafio, a despeito da Guerra, mas outros Estados tiveram respostas diferentes. O ingresso no sistema internacional capitalista se tornou irreversível - hoje este sistema é **inevitável**, a menos que se ofereça uma alternativa crível do ponto de vista do ordenamento internacional.

A experiência histórica condicionou os processos de formação de políticas externas e de segurança dos Estados asiáticos. Por fim, a Segunda Guerra criou uma nova situação porque enfraqueceu o do-

mínio europeu sobre a região - o que acabou acelerando os esforços de descolonização dos Estados asiáticos.

## 3 As Lutas de Libertação Nacional e o desafio da construção do Estado moderno no pós-Segunda Guerra Mundial

A situação do Pós-Segunda Guerra é de redistribuição mundial simbolizada pela conferência de Yalta. Com a ascensão do EUA e da URSS e declínio da Europa, há um impulso à descolonização - que ocorre já no contexto da Guerra Fria. No caso da Ásia isso teve efeitos marcantes.

A Europa tentou manter sua influência na Ásia oriental, mas já sem suas capacidades anteriores. Na medida em que há uma competição entre EUA e URSS, tentam estes agir como apoiadores - como na Indonésia e Indochina. Estas lutas de libertação não são apenas por independência, mas por meios que permitam a autonomia - e, por parte das grandes potências, por esferas de defesa e influência.

### 3.1 Índia e Paquistão

A Índia não travou uma guerra de independência, embora tenham havido algumas campanhas por parte de indianos aliados a japonesas. Essa independência foi concedida em 1947, com a definição de dois Estados - a *partition* - resultado de uma política ativa britânica de divisão de realidades políticas hindus e muçulmanas.

Até hoje os Estados tem grande rivalidade, e já se desenvolveram quatro guerras. O conflito da Caxemira continua, e as guerras contaram com apoio de superpotências - a China costumou apoiar o Paquistão, e os EUA sempre oscilaram muito em relação à Índia, embora hoje sejam aparentes aliados. Na guerra de 1971, por exemplo, os EUA interviam

em favor do Paquistão.

A Índia seguiu em certa medida o modelo soviético, com a nacionalização de empresas, planos quinquenais, armamento e planejamento econômico - e, no plano internacional, o **não alinhamento**. Após a guerra de 1971 a Índia acabou por firmar um tratado com a URSS.

### 3.2 China

A República Popular da China foi fundada em 1949. Nos EUA se instaurou um debate sobre a “perda da China para os comunistas”, o que alterou seu tratamento da questão. Os EUA passaram a promover um cerco da China, assim como usar a chantagem nuclear em três situações - na Guerra da Coreia, que de certa forma visava retomar a China; no Vietnã, no qual a China apoiou o Vietnã; e nas crises no Estreito de Taiwan entre 1954 e 1958. Em todas estas situações os EUA ameaçaram utilizar armas nucleares contra a China.

A China, pois, precisava do apoio soviético, mas a URSS tinha seus próprios interesses na relação bilateral com os EUA, e a partir da década de 60 os interesses soviéticos eram de destensionar as relações com os EUA, o que criou uma cisão entre a liderança chinesa e a liderança soviética - conforme a China tendia à confrontação e a URSS tendia à conciliação.

Internamente isso levou as forças políticas chinesas a um debate sobre como responder ao desafio dos EUA. Uma das formas seria o investimento pesado em industrialização e armamento nuclear; a outra seria manter um desenvolvimento sustentável e mais estável focado em forças convencionais. O debate político chinês acabou elegendo a primeira opção, que resultou no Grande Salto Adiante.

### 3.3 Coreia

A Coreia, em certa medida, foi uma extensão da guerra na China. Os EUA tinham de fato a intenção de reconquistar a China comunista - mas existia, é claro, um conflito interno coreano. Após a Segunda

Guerra Mundial a Coreia foi dividida em duas, sob influência soviética e americana - sua rivalidade acabou levando à guerra com a invasão do Norte em 1950.

A guerra teve várias fases, e culminou na intervenção dos EUA sob mandato da ONU, não só retomando o território do Sul, mas o estendendo largamente. Isso trouxe à guerra o envolvimento da China - e foi o primeiro grande confronto pós-Segunda Guerra que envolveu potências como uma guerra por procuração, ainda que fosse um conflito local.

Com a entrada da China no conflito, a Coreia do Norte retomou seu território, e a disputa acabou num empasse no Paralelo 38. Após dois anos foi assinado um armistício - nunca se firmou a paz.

Pode-se ver a Guerra da Coreia, na China, como continuação da guerra civil chinesa. Os conflitos entre *blocos*, após a guerra da Coreia, seriam travados em guerras locais por procuração.

A Guerra da Coreia teve, também, um papel importante na reindustrialização do Japão após a Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos, após a guerra, acreditavam que a China seria seu grande aliado no leste asiático - diante de todos os acontecimentos da guerra sino-japonesa e do regime de Jiang Jieshi, promovendo um cerco à URSS.

A China comunista mudou completamente o cenário, e os EUA buscaram um novo aliado - seu recente inimigo mortal, o Japão derrotado. A forma de reindustrializá-lo como potência capitalista foi se utilizando da Guerra da Coreia e do Plano Colombo.

### 3.4 Indonésia

A Indonésia travou uma guerra de independência contra a Holanda de 1945 a 1949, expulsando o colonizador holandês após a Segunda Guerra Mundial. A presença japonesa foi, portanto, ambígua - direta ou indiretamente, os japoneses enfraqueceram a presença das potências coloniais, razão pela

qual alguns movimentos de independência apoiaram os japoneses.

Sukarno surgiu como um grande líder da independência e organizador do Estado indonésio que surgiu. Sua grande política se baseava na *Pancasila* - nacionalismo, humanitarismo, governo representativo, justiça social e islamismo secularista, princípios que até hoje se refletem, por exemplo, no secularismo e fundamentalismo em conflito na política interna indonésia.

O controle político se estruturou de forma frágil entre o partido comunista indonésio e as forças armadas, e dependeu especialmente da força de Sukarno como líder da independência. A Indonésia passou a buscar um projeto autonomista e, também, **não alinhado**. Tornou-se um líder regional - mas também um alvo atraente para expansão de influências.

### 3.5 Terceiro mundismo

Estes três Estados foram os grandes patrocinadores do movimento terceiro-mundista e da conferência afro-asiática de Bandung, na Indonésia, em 1955. Reuniu Estados que lutavam por autonomia, pelo não alinhamento e em defesa de movimentos de libertação nacional.

Nessa conferência nasceram os importantíssimos **cinco princípios da coexistência pacífica** - que até hoje influenciam fortemente a esfera eurasiática. O movimento foi bastante revolucionário para as RI, num momento em que a Guerra Fria tinha muita força e haviam fortes pressões pelo alinhamento. Este movimento desafiou a ordem bipolar, mas naturalmente haviam limites ao terceiro mundismo, diante da desaprovação de ambas as superpotências.

No caso da China houve uma enorme chantagem nuclear americana que a forçou a priorizar forças produtivas nacionais internas, reduzindo sua atuação no movimento; a guerra entre China e Índia em 1962 foi também um grande golpe ao movimento; e a Indonésia teve seu projeto autonomista

não alinhado confrontado com a independência da Malásia, com um processo de independência muito diferente, recebendo a independência da Inglaterra de forma pacífica - a Indonésia passou a ver a Malásia como rival regional, gerando conflitos regionais e enfraquecimento das forças indonésias, bem como na queda de Sukarno em 1965.

Essas transformações levaram a uma mudança de perfil do terceiro mundismo. Houve uma nova conferência em Belgrado, com a criação oficial do **movimento dos países não-alinhados**, que teve um efeito não tanto de confrontação da bipolaridade, mas na atuação organizada em instituições multilaterais (como ONU e GATT).

### 3.6 Vietnã

A Guerra de Independência contra a França, de 1945 a 1954, foi quase que emendada com a Guerra do Vietnã, intervenção estrangeira em seu território em apoio ao Sul. A situação se assemelhava à da Coreia, com divisão entre influências após a independência.

O Vietnã do Norte resistiu à invasão com forças autônomas, conseguindo atingir a centralização política, utilizar bem o apoio soviético e chinês, e fez não apenas um acordo de paz, mas venceu o Sul e conquistou todo o território.

O Vietnã esgotou o modelo de influência americana até então. Os EUA investiram demais no Vietnã - e a derrota desmoralizou seu estabelecimento político doméstico, o que criou pressão para que os EUA mudassem seu modelo de liderança internacional.

### 3.7 Mudanças da década de 1970-80

A primeira mudança é a Doutrina Guam, ou Doutrina Nixon, que afirmava que os aliados americanos deveriam responsabilizar-se por sua defesa. Isso resultou na “vietnamização da guerra do Vietnã” - colocando sobre o Vietnã do Sul maior responsabilidade sobre sua própria defesa e operações militares contra o Norte. Os demais países do Leste

asiático precisariam criar meios para se defenderem de seus inimigos e da URSS. Ao mesmo tempo, os EUA se aproximaram da China, que já haviam rompido sua relação com a União Soviética.

A segunda mudança foi o *dólar flexível* - a denúncia unilateral dos EUA do compromisso de trocar dólares por ouro. A queda do padrão ouro permitiu que os EUA pudessem desvalorizar sua moeda, e permitiu indiretamente que a Alemanha e o Japão aumentassem seus espaços econômicos.

Nesse ponto é que o Japão se tornou importante. O Japão do pós-Guerra, depois da China comunista, se tornou um aliado preferencial dos EUA e desenvolveu-se amplamente. Suas indústrias são desenvolvidas pelos EUA; quando esses investimentos diminuem, ante o imenso custo da guerra do Vietnã e os déficits comerciais que os EUA acumulam com a Alemanha e o Japão, os EUA mudaram seu modelo de governança financeira global.

Acabou-se com o padrão ouro, que impedia grandes mudanças em taxas de câmbio; o dólar flexível, sujeito a variações de câmbio, foi desvalorizado, o que permitiu que a Alemanha e o Japão valorizem suas moedas (especificamente os pares marco-dólar e iene-dólar). Assim, o Japão expandiu sua indústria em escala regional; exportou para os demais países da região as indústrias de menor valor agregado; e se concentrou em indústrias de maior valor agregado.

Isso aumentou a influência econômica japonesa sobre a Ásia, e se intensificou com a **Doutrina Nixon** - que exigia autocompromissos financeiros dos aliados americanos, e levou à industrialização de parte da Ásia americana.

A exportação dos capitais japoneses se inseriu num contexto de redistribuição de forças a partir da década de 1970 - com a aproximação entre China e EUA, com a criação de um “triângulo estratégico” de EUA, URSS e China; e se “dividiu o trabalho” de segurança global, pois EUA e China se focaram na contenção da União Soviética, o que aumentou os custos securitários soviéticos e diminuíram os

custos americanos e chineses.

Por outro lado, se criou uma divisão do trabalho no leste asiático - *a China impediria a expansão do comunismo* no leste asiático, resultando inclusive em sua invasão ao Vietnã em 1979, e o Japão seria responsável por exportar tecnologias, processo ao qual a China se uniu no início da década de 1980.

Neste momento a China fez as “quatro modernizações” e iniciou seu processo de reforma e abertura, se inserindo no movimento de capacitação industrial por razões não apenas econômicas, mas políticas - o próprio Japão teve interesse na inclusão da China num modelo industrial exportador.

O momento internacional era diferente - com uma *pentarquia*, com EUA, China, Alemanha, Japão e União Soviética. Esta é uma diferença muito grande do início da Guerra Fria e sua bipolaridade estrita.

Tiremos algumas conclusões. Em primeiro lugar, as lutas de libertação foram afetadas pelo sistema internacional e pela ordem bipolar - mas, principalmente, produziram *efeitos* no sistema regional e internacional, principalmente a revolução chinesa, a guerra da Coreia (que mudou a forma como se travava a Guerra Fria) e as outras lutas, como a indiana e indonésia, cruciais para a formação do terceiro mundismo. O Vietnã simbolizou a mudança mais profunda no sistema, e levou os EUA a buscarem a redistribuição de poderes e competências para manterem a hegemonia a menor custo.

A Ásia foi o grande protagonista do terceiro mundismo, embora o movimento envolvesse outros países e regiões. Quando China e Indonésia reduziram sua participação, o movimento também mudou, e se tornou o Movimento dos Países Não Alinhados na conferência de Belgrado.

A Guerra do Vietnã alterou completamente a estrutura da Guerra Fria, e fez com que os EUA fosse forçado a compartilhar a tarefa securitária antissoviética com seus aliados e potências regionais menores. Isso levou à aproximação com a China e certas concessões para a Alemanha e o Japão, criando novos espaços econômicos na Europa e Leste



Asiático.

Por fim, a industrialização do Japão e a formação da *rede industrial de subcontratação japonesa* (como nos Tigres) é um processo fundamental na formação do **século do Pacífico**.

## 4 O desafio da inserção internacional autônoma no mundo pós-Guerra Fria

Durante a Guerra Fria, a formação de uma frente de contenção anti-soviética, especialmente com os esforços americanos e chineses, aumentou os custos de segurança da URSS. Isso teve impacto também no final da GF e no enfraquecimento e dissolução da União.

Com o fim da União Soviética, uma série de efeitos pôde ser observado. O primeiro foi um vácuo de poder que gerou uma unipolaridade americana, que levou os EUA a buscar reorganizar a ordem internacional, exercendo forte pressão sobre o Leste Asiático, o que levou a uma “onda democrática” em Taiwan, na Coreia do Sul e na China, o que pode ser visto, por exemplo, no incidente da Praça da Paz Celestial. Esta onda marcou o fim da Guerra Fria na Ásia; e sinalizou, também, o fim da aliança de ocasião sino-americana que marcara a segunda metade da Guerra Fria.

Outros estados ex-aliados da URSS tiveram que lidar com a nova situação de sua própria forma. A Coreia do Norte implementou um sistema autônomo e isolacionista, enquanto o Vietnã e a Índia buscaram certa liberalização econômica autônoma.

Houve também a independência de novos Estados na Ásia Central, Estados de grande fragilidade, com precário controle interno e fronteiras porosas, com potencial de terrorismo e fluxos de tráfico de drogas; ao mesmo tempo que são frágeis, estes Estados têm também uma importância muito grande em sua localização estratégica e nos recursos que con-

têm, especialmente energéticos, como petróleo, gás, algodão e papoula.

### 4.1 A década de 1990

Este novo cenário levou a uma nova política para a Ásia Central pela China e pela Rússia. A China passou a se aproximar desses estados, enquanto a Rússia buscou retomar a influência que antes tinha sobre eles. Em 1996 surgiu o Shanghai 5, que depois se tornou a SCO. Ele diz respeito especialmente a questões securitárias, problemas com minorias, separatismos e terrorismos, mas se tornaram um fórum de parceria estratégica sino-russa no grande jogo global contra a pressão americana contra suas esferas de influência.

A China, depois do incidente da Paz Celestial, considerou aquele movimento como uma grande ameaça a sua autoridade política, e uma tentativa de sabotagem americana. Adotou, portanto, uma política externa reativa - focada em **esconder as capacidades e aguardar o momento certo**, ou seja, não representar uma confrontação direta à unipolaridade americana.

Apesar dessa mudança, a China não abandonou seu modelo de desenvolvimento, continuando com reformas, aberturas, liberalizações, manutenção do controle estatal do planejamento central e passou por um longo período de grande crescimento econômico. Este desenvolvimento se deu com alguns custos - aumento da desigualdade social, entre regiões, entre litoral e interior, e problemas ambientais.

Além disso, a China tem que lidar com uma série de conflitos internos que têm também impactos regionais e globais, como o separatismo tibetano e de Xinjiang, região na qual também há problemas de terrorismo, e a Terceira Crise do Estreito de Taiwan. Todas essas disputas foram exploradas pelos rivais da China, o que levou a China a uma aceleração de seu desenvolvimento militar e ao aprofundamento de sua cooperação com outros países emergentes opostos à unipolaridade.

No pós-GF, outro Estado importante é o Japão, que saiu da Guerra Fria como uma grande potência industrial, porém com projeção externa limitada, diante de sua ausência de forças armadas convencionais que operem no exterior. O Japão passou por um processo de crise política muito séria, que girou em torno do novo papel japonês e seu modelo de desenvolvimento, especialmente após a ascensão da China - competição nova. Além dessa crise, o Japão também viu sua economia estagnar. A política japonesa se tornou uma grande disputa de lideranças, com poucos ministros capazes de permanecer no poder por mais de um ou dois anos.

A Coreia do Norte perdeu seu principal parceiro, e isso provocou uma mudança na dinâmica da península coreana. Buscou se aproximar da Coreia do Sul, e os dois Estados entraram na ONU em 1991. Houve um movimento pela desnuclearização da península, mas a presença militar americana levou a Coreia do Norte a cancelar sua desnuclearização e ameaçar a saída do TNPN. Isso gerou tensões fortes, e até hoje não há acordo de paz entre EUA e Coreia do Norte.

Houveram negociações, e chegou-se ao acordo pelo fornecimento americano de reatores de água leve à Coreia do Norte - permitindo a troca norte-coreana de reatores capazes de enriquecer urânio por reatores unicamente energéticos. Este tratado foi assinado em 1994, mas não foi cumprido, o que levou a novas tensões na Península Coreana. Até hoje tentam-se novas aproximações.

A Coreia do Sul oscila entre aproximações e confrontamentos com a Coreia do Norte, diante do fato de que a Coreia do Sul não tem controle total sobre sua política externa - os EUA têm tropas em seu interior. Entretanto, conseguiu atingir um certo grau de desenvolvimento que levou sua política externa a considerar a possibilidade de modificar este status - retirando as tropas americanas de seu interior. Este não é um assunto simples nem pacífico, e há um grande debate político. Os EUA, por sua vez, querem continuar utilizando a Coreia do Sul como trampolim de atuação regional.

Os países do Leste Asiático foram impactados pelo fim da Guerra Fria de forma visível na ASEAN. Inicialmente criada para organizar o bloco capitalista leste-asiático como resposta à presença comunista no Vietnã, após o fim da Guerra Fria passou a ganhar outra função - promoção econômica e promoção do desenvolvimento dos Estados da Região. Cria-se o Fórum Regional da ASEAN, como forma de mediar questões políticas securitárias da região, e a organização passou a discutir principalmente cooperação regional, livre comércio e desenvolvimento.

Na década de 1990, com a normalização da situação do Vietnã, todos os países do leste asiático entraram na Organização, e esta passou a ter dois papéis: a busca pela **autonomia** dos Estados da região perante os gigantes (China, Japão, Coreia do Sul, Estados Unidos e Rússia) e o **ambiente de mediação**, com destaque a partir da Crise Asiática de 1997.

A Crise de 1997 envolveu crise especulativa e fuga de capitais, o que teve um impacto em toda a rede econômica do Leste Asiático, que é muito dependente, especialmente diante do processo de subcontratação japonês iniciado na década de 1980. Isso levou os Estados da região a responderem de diferentes formas; alguns abriram seus mercados, e outros responderam de formas protecionistas, com a antítese do receituário ocidental. Os Estados que fecharam seus mercados tiveram resultados melhores.

A ASEAN ofereceu um ambiente institucional para dar resposta à crise, ao contrário do FMI e EUA, que não ofereceu toda a ajuda necessária. A ASEAN permitiu aproximação com os gigantes asiáticos, e alguns anos depois foi criada a Iniciativa de Chiang Mai - uma espécie de fundo monetário asiático.

A Índia tinha a URSS como principal parceiro econômico e comercial. A partir do fim da GF, a Índia buscou outra estratégia de inserção econômica internacional, a partir da desregulamentação. As reformas indianas desregulamentaram a indústria, mantendo, porém, controle sobre os bancos. A Índia

dia é um exemplo de liberalização industrial, mas não bancária.

O cenário regional indiano é complexo. Mantém uma relação de rivalidade com o Paquistão e outra com a China, e precisa lidar com um cenário conturbado. Frente ao Paquistão, os testes nucleares exacerbaram a situação, pois ambos os Estados não fazem parte do TNP. A Guerra de Kargil de 1999 foi um divisor de águas - até então a Índia era afastada dos EUA, mas após a guerra a China e o Paquistão mantiveram relações mais próximas, enquanto a Índia se aproximou dos EUA. Desde então os EUA veem a Índia como parte de contenção da China, inclusive com cessão de tecnologia nuclear.

Do ponto de vista regional, a Índia busca iniciativas de integração regional na Ásia Meridional, mas a iniciativa SAARC não produziu os resultados desejados, e cada vez mais é notório o interesse da Índia em se integrar à rede econômica do Leste Asiático, pela política *look east*, até de competição econômica com as potências da região.

## 4.2 O mundo pós-2001

As relações internacionais tiveram uma grande alteração dos anos 2000, especialmente após os ataques de 2001 e da invasão do Afeganistão, que foi o primeiro capítulo da Guerra ao Terror, que depois se estendeu para o Iraque. Esta guerra teve um impacto local, conforme as potências da região continuaram vendo o Afeganistão como oportunidade para alavancagem de seus desenvolvimentos (especialmente a Rota da Seda), mas teve regionalmente dois efeitos imediatos.

O primeiro é uma **cunha americana** no centro da Eurásia e Oriente Médio, mudando o foco da política externa americana (inicialmente voltada à contenção da China e Rússia) para uma *ação direta no Oriente Médio*. Isto teve uma série de consequências também na Ásia Oriental e Meridional.

Quando começa o governo Bush, em 2001, o grande objetivo dos EUA era enfrentar China e Rússia - inclusive com alguns incidentes, como o

incidente de Hainan, tratado como um indício de confrontação. Nessa época a China e Rússia transformaram os Cinco de Xangai na OCX (SCO). A partir da Guerra ao Terror, a política americana se modificou completamente. Isso não significa que os EUA não tivessem outros interesses além da Ásia Central e Oriente Médio, mas a forma real de atuação se modificou muito.

A partir daquele momento, os EUA passaram a buscar aliados regionais, com destaque para Japão e Coreia do Sul, como formas de contenção da China, ao mesmo tempo em que apoiava movimentos que permitissem resolver questões securitárias - como as Conversas das Seis Partes, envolvendo EUA, Rússia, China, Coreia do Norte, Japão e Coreia do Sul.

Nesse meio tempo, a China passou a aproveitar o grande foco americano no Oriente Médio e Ásia Central para expandir sua influência no Leste Asiático.

Este cenário teve em si um novo fato que modificou as relações internacionais - a crise de 2008, somado ao fracasso americano no Afeganistão e Iraque, e, ao mesmo tempo, a ascensão de países emergentes; a ascensão do G20, diminuindo o monopólio americano e europeu sobre as decisões quanto à Crise; e a ascensão dos BRICS, que levou a um debate quanto à capacidade americana de organizar e liderar o sistema internacional, e sobre como organizar as instituições internacionais diante da ascensão desses novos atores. Uma série de debates internos também abordaram como os EUA deveriam se portar diante da ascensão chinesa e desses novos atores.

A ascensão chinesa por algum tempo foi baseada na possibilidade de uma espécie de G2 junto aos EUA, entretanto os EUA optaram por outra postura - levando a cabo uma política de reforço de unipolaridade e disputa pelo poder. Uma série de acontecimentos na Ásia, como disputas no Mar do Sul da China e uma política deliberada de contenção, foram uma proposição de que os EUA fossem o centro das relações no Leste Asiático, confrontando a crescente posição chinesa.

Isso teve uma resposta chinesa, na eleição de um novo presidente e uma nova política externa - muito mais **ativa** e **assertiva** que a anterior, buscando novas instituições e um novo modelo econômico que oferecesse uma alternativa ao sistema americano. Esta é a proposta da política externa do governo Xi Jinping.

O principal traço desse governo é a criação da Nova Rota da Seda, ou *Belt and Road Initiative*. Ela busca abrir espaços econômicos para a expansão da economia chinesa, e sendo baseada especialmente em investimentos fortes infraestruturais e industriais no exterior, tenta criar novas instituições de financiamento, novas instituições de organização da economia internacional, dentro da Ásia e frente aos BRICS, e bate de frente com as instituições americanas, como o sistema de *Bretton Woods*.

## 5 Narrativa asiática e atualização de conjuntura

O desafio da Ásia de se inserir no capitalismo de forma tardia e superar a forma impositiva de sua inserção dependente, superando o desenvolvimento e criando certa independência, foi muitas vezes enfrentado por uma luta de libertação nacional, buscando a extinção de tratados injustos, esferas de influência de outras potências, etc.

O processo de industrialização, novo modelo de inserção da região, teve muito foco no processo de subcontratação japonês, criando uma rede de promoção da indústria em toda a região. As outras economias da região também se desenvolveram e aumentaram suas capacidades industriais e tecnológicas, ao ponto de chegarmos ao final do século XX falando num século do Pacífico.

Estes países vem superando a dependência, se colocando como independentes e grandes inovadores e produtores de tecnologia - uma outra posição, ainda que por diversas razões não estejam no centro do sistema. A China, como país mais importante na região, tem se consolidando como capaz

de enfrentar os EUA como centro do sistema internacional.

### 5.1 China

A China quer ser o centro do sistema? A partir do governo de Xi Jinping, adotou uma política externa de segurança, adotando políticas para se tornar um novo polo internacional, fazendo um movimento intencional nesse sentido, não apenas por suas capacidades. Criou a BRI, uma tentativa de criar um novo espaço geoeconômico, com fortes investimentos e incentivos à internacionalização de empresas chinesas e criação de *joint ventures*. Não é apenas uma expansão - é uma **tentativa consciente de criar um espaço geoeconômico com maior possibilidade de inserção de empresas chinesas**.

Outra política importante foi o *Made in China 2025*, trocando a produção de produtos baratos pela competição no mercado de alta tecnologia. A intenção é econômica e securitária, pois a dominação da tecnologia é necessária para inovar no setor militar para dissuadir o Ocidente na região.

Por fim, há uma mudança na doutrina militar chinesa - embora se considere defensiva, assumiu que, em determinados cenários, pode ser ofensiva, mas num contexto tático ou operacional, não estratégico. Isto pode ser visto em algumas medidas recentes, como a criação de zonas de identificação aérea nos mares da China - exigindo notificação ao governo chinês para circulação nessas zonas; criação de um pacto de segurança com as Ilhas Salomão, controlando pontos de circulação importantes; e, em Abril, abriu uma base militar no Djibuti, e se especula que teria bases paramilitares no Uzbequistão e Paquistão.

Algo a ser ponderado são os interesses econômicos chineses no exterior. Isso leva a acordos de segurança para proteger seus investimentos, de empresas e de infraestrutura, para dirimir seus riscos para empresas e nacionais chineses.

## 5.2 Estados Unidos

Por outro lado, temos o posicionamento americano, que conseguimos ver com mais clareza. Até o governo Obama, seguia uma política externa baseada na globalização, fomentando-a e se aproveitando dela. A política econômica era baseada não em indústrias, mas em exportar indústrias e capitais. Sua política externa e militar seguia essa fórmula, e se considerava um “policia do mundo”, acima dos outros, em expressão excepcionalistas. As forças americanas a partir de determinado momento passaram a agir como forças de contrainsurgência, numa expressão desse papel policial.

Quando os EUA começaram a sofrer os efeitos disso, começou a haver um efeito contrário dentro do território americano - a perda de empregos e de renda. Na crise de 2008 esse enfraquecimento ficou nítido, e de certa forma esse sentimento de perda resultou na eleição de Trump - e do *America First*, significando a reterritorialização da indústria e produção americano, frente a um povo americano insatisfeito e anti-globalização. Dá também uma resposta à China e à Rússia, capazes de fazer frente aos EUA em determinadas regiões. Isso é um problema, pois os EUA não são mais o policia do mundo. É por isso que mudaram sua política externa no governo Trump, se considerando agora dentro de uma **era de competição de grandes potências**. Isso não mudou no governo Biden.

É por isso que hoje podemos dizer que essa é uma mudança de *grandes estratégias*, não apenas de governo. Este é um dos poucos consensos que existem nos EUA, não mais considerando Rússia e China como países “abaixo”, mas adversários diretos. Isso se materializou na guerra comercial e na competição contra o 5G chinês. O discurso não é mais apenas político ou ideológico, mas econômico.

Essa mudança de política e investimento interno (Biden aprovou enormes pacotes para a economia americana) é um encerramento gradual do modelo da globalização financeira, em direção a uma era de nova preponderância da produtividade e competição industrial no sentido do capitalismo produtivo.

Vemos uma nova era do Estado intervencionista e de direcionamento de recursos, não apenas na China e Rússia, mas nos EUA e Europa. Este é um fenômeno real e cada vez mais forte.

Nesse sentido, o que vemos é, da parte dos EUA e aliados, o que se chama de *decoupling* - um desacoplamento da indústria chinesa e americana nos setores sensíveis, de alta tecnologia. Do ponto de vista político, isto está sendo efetivamente tentado. Uma queda de braços entre governos e empresas ocorrerá, mas o resultado final ainda não se vê.

## 5.3 Pandemia e guerra

A guerra russo-ucraniana e a pandemia levaram a um discurso acadêmico e midiático que afirmam que essas transformações (*decoupling*, protecionismo, interferência estatal) são resultados da pandemia e da guerra russo-ucraniana. Isto não é verdade. A pandemia acelerou este processo, assim como a guerra; mas a tendência e os fatos reais já existiam no governo Trump, se intensificando a partir desses dois fatos.

A pandemia teve um papel importante de acelerar a erosão das cadeias produtivas globais (*global supply chains*). Houve uma paralização de indústrias, e houve uma conscientização da necessidade da produção local de certos artigos e produtos. A falta de suprimentos da Ásia também levaram à percepção de uma dependência excessiva da China, levando às políticas de *China + 1* e *decoupling*.

Vemos também um incremento da sinofobia, que aumentou muito com as acusações relativas a Xinjiang e uigures. Novamente, hoje, a China está no centro do debate de COVID, mas pelo lado contrário; mantendo a política do zero COVID depois de algumas centenas de casos, e há um grande debate sobre o fechamento geral, que tem um impacto nas economias da China e do mundo.

A guerra russo-ucraniana traz alguns pontos importantes. As sanções contra a Rússia, de adesão relativamente limitada, fazem com que a Rússia passe a se voltar economicamente para a Ásia. Tradici-

onalmente se voltava para a Europa. Tem mesmo uma relação militar com o sudeste asiático. O que vemos é um movimento de não vender mais como vendia antes; agora o que a Rússia exige, ao menos do Ocidente, é que a compra de petróleo e gás seja feita em rublos, por um depósito, num banco russo, na Rússia. Há aí uma tendência que a BRI iniciou, e que podemos ver se consolidar, de **diversificação de moedas no comércio internacional**.

Outro ponto é que Putin e Xi se uniram e fizeram uma declaração conjunta, antes da guerra, manifestando amizade irrestrita. Precisamos observar se isto foi um marco fundamental de um novo acordo político na BRI. Por fim, a guerra russo-ucraniana pode nos dar alguns indicativos do que poderia ocorrer se a China tentasse retomar Taiwan pela força; vemos como os EUA se comportam, e podemos extrapolar diversas reações. Os EUA, em certo momento, chegou a incentivar a guerra por suas ações, mantendo-o “afeganistanizado”.

Outro papel é o papel dos meios de comunicação estimulando a russofobia, que também ocorreria em relação à China. Por fim, as sanções contra a Rússia poderiam também ser aplicadas contra a China. Esta situação nos ensina muito.

## 5.4 Outros países asiáticos e reações

Temos competição tecnológica intensa entre China e Estados Unidos. A China vem buscando criar sua zona de influência pela BRI. Como os EUA responderão? Será possível sua reação solitária, ou buscará o apoio de aliados e consórcios com Japão e Coreia, buscando nova divisão de trabalho produtivo? Que tipo de modelo será buscado e que tipo de negociação se fará?

Vemos uma tendência de diversos desses países em negar a China, mas não sabemos ainda como eles lidarão com a BRI e com os Estados Unidos. Do ponto de vista securitário, os EUA lançaram em 2017 a estratégia do indo-pacífico, buscando reunir seus aliados na região. O discurso é o de sempre - paz, democracia e segurança, mas os objetivos são

a contenção da China e da Rússia.

Em 2021, os EUA formaram com Reino Unido e Austrália uma nova aliança, buscando promover cooperação militar.

Do ponto de vista político e doméstico, podemos esperar uma interferência cada vez maior da rivalidade sino-americana fora e *dentro* dos países. Observaremos grupos políticos mais influenciados por essa disputa - como o alinhamento de grupos internos às potências externas. Isso já acontece no Sri Lanka e Indonésia, e o debate interno já ocorreu na Austrália e Coreia do Sul.

A retirada do Afeganistão foi desastrosa, e logo levou a novo governo Taliban em Kabul. Os russos, chineses e iranianos logo negociaram. A China percebe a localização central do Afeganistão, e sua posição central certamente leva a cortejos de China e Rússia, com parcerias econômicas. O mais importante é a estabilidade para o desenvolvimento. Assim, o Taliban tem melhores relações com a Ásia que com o Ocidente.

Dentro do Afeganistão, porém, é possível o surgimento de um grupo anti-China, o que já ocorreu no Paquistão, em 2022, com um atentado terrorista contra professores de um Instituto Confúcio e a queda do primeiro ministro. A cidade de Karachi, portuária, era um dos principais centros de investimento chinês.

Como o Paquistão tem um papel de modelo/ *case* da BRI, é importante como os paquistaneses se comportam em relação à iniciativa, e a China presta muita atenção aos problemas que surgem para aplicar as lições aprendidas em outros países. O Cazaquistão, na tentativa de revolução colorida, foi um debate sobre a influência russa e chinesa dentro do Cazaquistão.

O que podemos tirar dessa situação internacional é que é cada vez mais difícil, para qualquer país da Ásia, adotar uma posição neutra ou totalmente autônoma. Países maiores podem ter mais margem de manobra, mas em Taiwan, por exemplo, precisamos observar se a guerra russo-ucraniana pode

encorajar a declaração de independência na ilha ou a agressão do continente.

A Índia é outro caso muito interessante. Historicamente, tentou sempre garantir sua autonomia como ponto essencial. A Índia é parceira da Rússia, especialmente militar, mas cada vez mais econômica; tem uma grande rivalidade com a China; e ao mesmo tempo não quer ser parceira dos EUA e do Ocidente. Por seu tamanho e capacidade, pode ser o verdadeiro fiel da balança entre os dois grupos rivais no coração da Ásia.

O Japão é muito importante, com enorme indústria e capacidade de produção, embora não seja um país “independente” dos EUA. Economicamente é muito forte, e qualquer realinhamento com a China parece improvável; mas o Japão também não quer ser dependente dos EUA do ponto de vista econômico. O posicionamento japonês pode ser muito importante na rivalidade sino-americana.

A ASEAN converge muito em questões econômicas, mas costuma rachar em questões securitárias, especialmente em questões nos mares da China. Há países aproximados da China, dos EUA ou equidistantes (como a Indonésia). Isso pode ser um fato importante para análise futura - a manutenção ou quebra da ASEAN frente aos dois grandes atores.

O Paquistão é um *case* de sucesso da BRI, pela quantidade de investimentos chineses, mas os últimos acontecimentos requerem observação próxima por impactos sobre investimentos chineses e sobre a expansão da BRI sobre outros países.